

Catálogo
da Bibliotheca da Academia
dos Guardas Marinhas, creada
por Ordem de S. A. R. na Cida-
de do Rio de Janeiro.

BICENTENÁRIO DE NASCIMENTO
DO CHEFE-DE-ESQUADRA
JOSÉ MARIA DANTAS PEREIRA(*)

MAX JUSTO GUEDES
Capitão-de-Mar-e-Guerra

Entre 22 de janeiro de 1808 e 26 de abril de 1821, sofreu o *Continente do Brasil* — conforme a curiosa expressão com a qual se referiu ao nosso território o Conde de Anadia, primeiro Ministro da Marinha, após a chegada da Família Real — transformações de tal monta que o processo separatista estava maduro quando, forçado pelas contingências, D. João VI velejou de regresso a Portugal.

Com impressionante rapidez, saíramos do período colonial para alcançarmos a condição de nação adulta, munida de todas as instituições neces-

sárias ao seu completo e correto funcionamento.

As duas efemérides que, num intervalo de um lustro, vem de comemorar o País: Bicentenário do nascimento de D. João VI (1967) e Sesquicentenário da Independência, propiciaram o estudo mais aprofundado do período referido, quando foram sacudidos, com força até então desconhecida, os nossos alicerces.

* Adaptação da conferência realizada em 12/12/1972, pelo CMG Max Justo Guedes, no SDGM.

Homens, idéias e instituições foram abordados em magistrais monografias ou estudos panorâmicos. Muito lembrada foi a ilustre galeria de marinheiros — brasileiros de nascimento ou adoção — que, integrando a Marinha Nacional e Imperial, com sacrifício, inteligência, vigor e coragem, conquistaram a Independência e asseguraram a integridade territorial do Brasil. Não ficaram esquecidos, em qualquer instante, os grandes políticos e diplomatas que propiciaram àqueles marujos os meios necessários às suas decididas ações.

Uma lacuna ia no entanto ocorrendo, lacuna que a persistir seria injustificável e imperdoável: No olvido ficara, sem que dele nos lembrássemos até agora, talvez a mais luminosa inteligência, e certamente um dos mais puros e avançados espíritos dentre os muitos ilustres marinheiros que abnegadamente serviram a Portugal e ao Brasil. Referimo-nos a José Maria Dantas Pereira. Uma circunstância apenas nos serve de atenuante: no clímax dos acontecimentos que vimos de comemorar, não mais estava no Brasil o grande Almirante, porquanto em 1819 retornara a Lisboa, para integrar o Conselho do Almirantado. Esta, possivelmente, a razão do esquecimento. Felizmente, a tempo, lembrou-se a Marinha de um de seus grandes, exatamente para comemorar-lhe o bicentenário.

Três são as entidades patrocinadoras desta comemoração: o Serviço de Documentação, no qual se integra a Biblioteca da Marinha; a Escola Naval, nobre sucessora da Academia Real dos Guardas-Marinhas; e a Diretoria de Hidrografia e Navegação, cujas raízes podem ser buscadas na *Sociedade Real Marítima, Militar e Geográfica para o Desenho, Gravura e Impressão das Cartas Hidrográficas, Geográficas e Militares*.

Exatamente sob três aspectos, talvez os mais importantes dentre aqueles múltiplos em que atuou a sua gigantesca personalidade, estudaremos a carreira de Dantas Pereira:

Dantas Pereira e a Hidrografia do Brasil.

Dantas Pereira e a Academia dos Guardas-Marinhas.

Dantas Pereira e o Depósito de Escritos.

Antes de fazê-lo, para que possamos situar no tempo a sua vida naval, vejamos o que dela diz a folha 14 do Livro-Mestre nº 42.589, (Fig. 1) que traz os assentamentos de Dantas Pereira até o embarque para o Brasil, em 27 de outubro de 1807, na *Nau Conde D. Henrique*, um dos quinze navios que, um mês e dois dias depois, (29 de novembro) largariam do Tejo com a Família Real. Naquela nau, vinha também embarcada a Companhia de Guardas-Marinhas.

José Maria Dantas Pereira, sendo discípulo da Academia de Marinha, onde completou o curso de matemática de Bezout, assentou praça de Aspirante Guarda-Marinha, em 10 de setembro de 1788.

Foi Guarda-Marinha, em 18 de janeiro de 1789.

Passou a Tenente-do-Mar, continuando na Companhia de Guardas-Marinhas, em 17 de dezembro de 1789.

Foi Chefe da Terceira Brigada dos Guardas-Marinhas, em 10 de janeiro de 1790.

Foi nomeado Lente de Matemática dos Guardas-Marinhas, com o vencimento de soldo que tinha de Chefe de Brigada, em 16 de outubro de 1790.

Passou a Capitão-Tenente, continuando no exercício de Lente, em 20 de outubro de 1796.

Passou a Capitão-de-Fragata, como o antecedente, em 11 de maio de 1797.

Foi nomeado Comandante da Companhia de Guardas-Marinhas em 21 de junho de 1800.

Passou a Capitão-de-Mar-e-Guerra em 12 de janeiro de 1801.

Em 27 de outubro de 1807, embarcou com a sua companhia a bordo da *Nau Conde Henrique*, para passar, juntamente com o Príncipe-Regente Nosso Senhor, à América.

José Maria Dantas Pereira

Postos e Exercícios	Antecedentes		Embarcações			Observações
	Em	Mes	Embarcações	Em	Mes	
Quando Diçipulo do Sr. Adriano de S. M. tinha concluido o Curso de Mathematicas de Bexot			2º de Janeiro	9	Setembro	1796
Assentou praça e exercio de Guardas Marinhas em	10	Setembro	1798	27	Outubro	1797
Foy Guarda Marinha em	12	Januario	1799			
Foy para o Tercio de Mar, com o nome de Compañhia de Guardas Marinhas em	14	Outubro	1799			
Foy Chefe da terceira Brigada de Guardas e Marinha em	10	Januario	1799			
Foy nomeado Lorde da Mathematica das Guardas e Marinha, com o nome de Lorde que tinha o Chefe de Brigada em	16	Outubro	1799			
Foy para a Capitania de Foz de Iguaçu, com o exercicio de Lorde em	20	Outubro	1799			
Foy para a Capitania de Foz de Iguaçu, como a aux. Lorde em	11	de Março	1799			
Foy nomeado Comandante da Companhia de Guardas e Marinha em	21	Junho	1800			
Foy para a Capitania de Maraguá em	12	Januario	1801			
Em 27 de Outubro de 1801 embarcou com a sua Companhia de Foz de Iguaçu para o Rio de Janeiro, para se juntar ao Sr. Chefe de Marinha de Foz de Iguaçu e ao Sr. Chefe de Marinha de Foz de Iguaçu						

Fig. 1

Embarques:

Fragata *Cisne*, em 9 de julho de 1790, para instrução e ensino dos Guardas-Marinhas.

Nau *Conde Henrique*, com a sua Companhia de Guardas-Marinhas, em 27 de outubro de 1807.

Note-se que estes dados diferem dos fornecidos por Inocêncio, no seu *Dicionário Bibliográfico Português* e também apresenta leves discrepâncias dos colhidos por H. Boiteux para a sua breve biografia de Dantas (*Subsídios para a História Marítima do Brasil* n.º 2, p. 317 e seguintes, Rio de Janeiro, 1939).

Ao teor desta folha devemos acrescentar que José Maria nasceu em Alenquer (D. de Lisboa), filho de Vitorino Antônio Dantas Pereira, Porta-Bandeira Graduado do Corpo de Engenheiros, e de D. Quitéria Margarida de Andrade.

Que, ao ser nomeado Guarda-Marinha, fez jus ao prêmio de 96\$000 pela distinção com que se houve no curso, e que foi nomeado professor do Infante D. Carlos de Bourbon, por escolha do Príncipe D. João, que assistira os seus exames finais na Academia.

Dantas Pereira e a Hidrografia do Brasil.

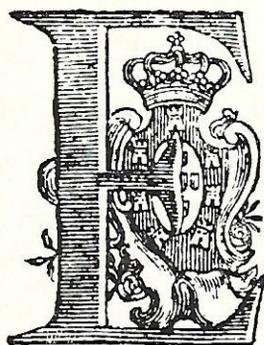
Vimos que o nosso biografado foi promovido a Capitão-de-Fragata em 1797, com apenas vinte e cinco anos, e que na ocasião era Lente de Matemática da Academia, função para a qual foi nomeado aos dezoito anos:

Pouco depois, reconhecendo o Governo Real o atraso crescente da ciência náutica em Portugal, e especialmente a cartografia, outrora a mais adiantada da Europa, resolveu criar um organismo capaz de restaurar-lhe o antigo (e justo) prestígio. Coube a iniciativa a D. Rodrigo de Sousa Coutinho, depois Conde de Linhares, então Ministro de Estado da Marinha e Ultramar, uma das mais brilhantes estrelas da vasta constelação administrativa portuguesa e apaixonado admirador do Brasil, sob cuja égide, foi criada a *Sociedade Real Marítima*.

Diz o alvará da sua criação (Fig. 2):

“Eu a Rainha faço saber aos que este Alvará com força de Lei virem: Que desejando Eu por todos os modos possíveis ampliar e favorecer aquelles uteis conhecimentos, que tem huma conexão mais immediata, seja com a grandeza e augmento da Minha Marinha Real e Mercante, seja com a melhor defeza dos Meus Estados, seja com a extensão das luzes, de que depende o mais exacto conhecimento de todos os Meus Dominios, para poder elevallas ao melhor estado de cultura, e promover as communicações interiores, assim como favorecer o estabelecimento de Manufacturas, que se naturalizem facilmente, achando huma situação territorial, que mais lhes convenha: E sendo-me presente de huma parte a falta e penuria, que sente a Minha Marinha Real e Mercante de boas Cartas Hydrograficas, achando-se até na necessidade de comprar as das Nações Estrangeiras, e de se servir muitas vezes de algumas, que pela sua incorrecção expõem os Navegantes a gravissimos perigos; e da outra parte reconhecendo a necessidade de publicar-se a grande e exacta Carta Geral do Reino, em que Tenho mandado trabalhar Pessoas de grande merecimento, o que nada tem que invejar, no que se acha já principiado, aos outros estabelecimentos da mesma natureza, que existem na Europa: E sentindo igualmente a necessidade de fazer gravar para o serviço dos Meus Exercitos Cartas Militares, assim como Cartas, em que se delineem as Obras Hydraulicas de Canaes, e outras semelhantes: Sou servida crear huma Sociedade Real Marítima, Militar e Geografica para o Desenho, Gravura, e Impressão das Cartas Hydrograficas, Geograficas, e Militares, organizada e composta da fórma e modo, que se contém nos seguintes Artigos: Ordenando que assim se execute, como Sou servida prescrevello.¹”

¹) Publicado fac-similarmente por MOTA, A. Teixeira da, nos *Anais do Instituto Hidrográfico*. Lisboa, 1965. N.º 2.



U A RAINHA Faço saber aos que este Alvará com força de Lei virem : Que de-
sejando Eu por todos os modos possiveis
ampliar e favorecer aquelles uteis conheci-
mentos, que tem huma connexão mais im-
mediata, seja com a grandeza e augmento
da Minha Marinha Real e Mercante, seja
com a melhor defeza dos Meus Estados,
seja com a extensão das luzes, de que depende o mais ex-
actó conhecimento de todos os Meus Dominios, para po-
der elevalllos ao melhor estado de cultura, e promover as
communicações interiores, assim como favorecer o estabele-
cimento de Manufacturas, que se naturalizem facilmente,
achando huma situação territorial, que mais lhes convenha :
E sendo-me presente de huma parte a falta e penuria, que
sente a Minha Marinha Real e Mercante de boas Cartas
Hydrograficas, achando-se até na necessidade de comprar
as das Nações Estrangeiras, e de se servir muitas vzes de
algumas, que pela lua incorrecção expõem os Navegantes
a gravissimos perigos; e da outra parte reconhecendo a ne-
cessidade de publicar-se a grande e exacta Carta Geral do
Reino, em que Tenho mandado trabalhar Pessoas de
grande merecimento, e que nada tem que invejar, no que
se acha já principiado, aos outros estabelecimentos da mes-
ma natureza, que existem na Europa : E sentindo igual-
mente a necessidade de fazer gravar para o serviço dos
Meus Exercitos Cartas Militares, assim como Cartas, em
que se delineem as Obras Hydraulicas de Canaes, e outras
semelhantes : Sou servida crear huma Sociedade Real Ma-
ritima, Militar e Geografica para o Desenho, Gravura, e
Impressão das Cartas Hydrograficas, Geograficas, e Mili-
tares, organizada e compolta da fôrma e modo, que se
contém nos seguintes Artigos : Ordenando que assim se
execute, como Sou servida prescrevello.

Pelo teor do *Título 1^o* percebe-se imediatamente a razão da admissão de Dantas Pereira na Sociedade: sua condição de Lente efetivo — da Academia dos Guardas-Marinhas.³

Para que possamos devidamente avaliar a importância da Sociedade para a náutica portuguesa, vejamos o teor do *Título II*:

“*TÍTULO II. Da Classe das Cartas Hydrograficas, e seus Encargos.*

I. Terá a seu cargo esta Classe a publicação das Cartas Maritimas, ou Hydrograficas Geraes e Particulares para o Serviço da Marinha Real e Mercante, nomeando e encarregando aquelles dos seus Membros, que julgar mais proprios para a escolha das melhores Cartas Maritimas, que devem servir de base, depois das convenientes correções, às novas Cartas, que se houverem de publicar, e que todas hão de ser reduzidas ao primeiro Meridiano Portuguez, que se reputará passar pelo Observatorio Real da Marinha na Minha Cidade de Lisboa.

II. A mesma Classe fixará a forma e grandeza seja da Escala, seja do conteúdo de cada Carta Geral ou Particular, que se houver de publicar, segundo julgar mais conveniente; e igualmente determinará, examinará, e approvará as Cartas, que fizer delinear, e que depois se mandarem gravar, a fim que a mesma Classe possa responder ao Público da exacção das Cartas, que mandar publicar, examinando também, depois de gravadas, se são conformes ao Original approvedo.

III. A mesma Classe fixará os preços, pelos quaes se hão de mandar pôr em venda as Cartas, que se publicarem; e assim o participará á Real Junta da Fazenda da Marinha, para que as mande pôr em venda, e faça arrecadar o seu producto: E o mesmo Tribu-

nal tomará a seu cuidado a exacta arrecadação de semelhantes Artigos.

IV. Ficando prohibida a venda de todas as Cartas Maritimas Estrangeiras ou Nacionaes, sem que primeiro sejam examinadas e approvadas por esta Classe, em consequencia dos mais rigorosos exames, que tiver mandado fazer pelos Membros, que para isso tiver escolhido: Ordeno, que esta Classe procure logo entrar no mais rigoroso exame a este respeito, e que participe á Real Junta da Fazenda da Marinha as mesmas approvações, a fim que o mesmo Tribunal delegue hum dos seus Membros para rubricar as Cartas approvadas, cobrando e fazendo entrar no seu Cofre o valor da Taxa, que a Sociedade julgar dever-se estabelecer; para o que lhe Confiro toda a Authoridade necessaria, para melhor favorecer o consumo das Cartas Nacionaes, e muito superiores em exacção; cobrando-se esta Taxa, e pondo-se-lhes a Rubrica, antes que tenham o Despacho dos Administradores Geraes e Particulares das Alfandegas deste Reino e seus Dominios.

V. A esta Classe da Sociedade Real remetterão todos os Pilotos as suas Derrotas: E Authorizo a mesma, para que possa mandar chamar ás suas Sessões, e convocar todos os Pilotos, que julgar mais habeis, para elucidar qualquer ponto que seja necessario determinar com maior probabilidade, e que seja ainda sujeito a discussão; e que igualmente possa recommendar aos Commandantes das Embarcações de Guerra, Charruas ou Correios Maritimos os exames, que julgar mais convenientes para o melhor e mais exacto conhecimento das Costas, e que elles possam fazer sem damno ou demora das Commissões, de que forem encarregados. A mesma Classe, com a pluralidade de Votos da Sociedade, poderá consultar-Me tudo o que julgar mais necessario que Eu mande ratificar e examinar por algum Cruzeiro ou viagem maritima destinada para o mesmo fim; e Eu resolverei o que julgar mais util para a perfeição e segurança da Navegação geral dos Meus Vassallos.

VI. A mesma Classe encarregará alguns dos seus Membros de publicar

²⁾ O Alvará subdivide-se em *Titulos*.

³⁾ Entre os membros natos da sociedade estavam os *Lentes effectivos e substitutos das duas Academias de Marinha*.

hum exacta Analyse das Cartas Maritimas Estrangeiras, de que permittir a venda, mostrando os erros que possão ainda conter, o as variedades que nellas houver do que se achar ultimamente determinado com novas e seguras Observações, a fim que os Pilotos, servindo-se das mesmas, possão evitar com segurança os erros que nellas se puderem achar.

VII. Sendo manifesto e patente a todos o abuso que ha em se venderem Agulhas de marear mal construidas, com huma suspensão muito defeituosa, com divisões falsas, e muito mal tocadas na Pedra de Cevaz: Encarrego a esta Classe da Sociedade Real o exame e determinação das Agulhas de marear, cujo uso se deva permittir: E Authorizo-a, para que fixe a Taxa, que se deve pôr sobre as mesmas Agulhas de marear, que forem permittidas, a qual Taxa será percebida pela Real Junta da Fazenda da Marinha, depois que o Membro Deputado pela Classe para o mesmo exame as houver approved, e que nas mesmas se achar o nome do Artista que as tiver construido para evitar toda a contrafacção.

VIII. Ordeno, que esta mesma Classe fique encarregada de fazer preparar e publicar as melhores e as mais correctas Cartas Celestes e Taboas Astronomicas, pelas ultimas Observações, para o uso da Navegação e dos Astronomos em todos os Meus Reaes Dominios.

IX. Encarrego a esta mesma Classe a redacção e publicação de hum novo Roteiro, corrigindo o que actualmente existe; e para este fim se servirá não só de todas as novas Observações dos Pilotos da Minha Marinha Real e da Mercante, mas de todas as que se achão nas Viagens, que ultimamente tem feito celebres Navegadores, e nos Roteiros publicados pelas Nações que mais se tem distinguido pela extensão da sua Navegação, e finalmente de tudo o que colligir dos melhores Neptunos e Cartas Hydrograficas, que todas comprará para ajuntar ao Deposito das Cartas que for publicando, e que procurará seja nesta parte o mais perfeito”.

O Título III cuidava da Classe das Cartas Geográficas, Militares e Hidráulicas.

O Título IV, dos Desenhadores e Gravadores.

O Título V tratava das recompensas aos membros da Sociedade.

O Título VI programava as sessões, que deveriam ser, quando menos, semanais.

O Título VII, e último, abordava a Administração Económica da Sociedade.

Conhecida já a Sociedade por todos os leitores, lembremos que a sessão de abertura teve lugar a 22 de dezembro de 1798, falando D. Rodrigo; em seu discurso disse que: “As Cartas hydrographicas e maritimas, objecto o mais importante para a nossa extensa navegação, he sem duvida o primeiro e mais essencial objecto que deve merecer a attenção da Sociedade, e que he de esperar consiga com grande e indefesso zelo publicar no mais breve periodo possivel, ao menos aquellas de que ha huma inteira falta, he uma absoluta necessidade. N’esta classe se comprehendem em primeiro logar as Cartas das Costas do Reino e ilhas, as que servem para a navegação do Brasil”, e mais que: “A necessidade immediata que ha de semelhantes publicações, não podem por ora permittir que unamos grandes trabalhos e Correçoens Nacionaes, ao que tem publicado as Naçoens mais cultas, e que tem huma mais extensa navegação; mas temos a vantagem de poder aproveitar-nos das ultimas correçoens já annunciadas nas primeiras publicações e de preparar para o futuro cartas mais exactas, que sejam o fructo das ordens que S. A. R. tem já dado a todos os Commandantes das suas Embarcaçoens de Guerra, e das que se darão em consequencia das representações d’esta Sabia Sociedade.

Os primeiros traços preparados para este grande trabalho por ordem no nosso Augusto Principe ainda antes de organizar esta Sociedade serão expostos por hum dos Sabios Membros da mesma, e servirão de introduccão aos

futuros trabalhos da Sociedade nas suas primeiras sessoens.”

O *Sábio Membro* foi exactamente o nosso jovem Capitão-de-Fragata Dantas Pereira. Seu discurso, (publicado na coletânea *Escritos marítimos e académicos*, Lisboa, 1828) dá-lhe bem a craveira dos horizontes:

“Passando agora a cumprir a segunda parte da ordem que me foi intimada, cumpre-me fazer constar, que em conferencias anteriores tive a honra de expôr o meu parecer sobre a construcção das cartas hydrographicas, para a qual pensei que se devia tomar por base.

1ª A sufficiente extensão do grão terrestre, relativamente aos usos das mesmas cartas: extensão, que admitte hum maximum, considerado o excesso, e o incommodo das que são extremamente grandes; assim como a pouca segurança das muito diminutas, onde devem ter maior influencia os pequenos erros comettidos na sua execução pratica: devendo tambem ser huma a grandeza da extensão total em todas as cartas, para ficarem reduzidas á simplificador unidade as operações, que houverem de ser feitas sobre as mesmas cartas.

2ª Serem todas estas cartas referidas a hum só meridiano; a lei determina que se adopte o nosso.

3ª Serem os extremos de cada carta pontos bem conhecidos, e que possuão, quanto for possivel, servir tambem de extremos ás pequenas navegações mais frequentadas; o que deve tornar estas cartas melhores, e mais adequadas ao commercio, promovendo a sua mais geral emissão; pois que assim diminuirá consideravelmente o numero de transposições de pontos de humas para outras cartas, e o numero das mesmas cartas para cada huma das navegações parciaes, com o que se privará o estrangeiro de mais hum meio, ou recurso, que pode aliás empregar em seu proveito, e nosso damno.

4ª Marcarem-se os lugares principaes em consequencia de observações reconhecidas, ou provavelmente melhores; e referir a estes lugares os

intermedios por meio das suas differenças de posição relativa, quando huns, e outros não tenham, ou não possam ter determinações directas ou parciaes, ou totaes: methodo que a razão, e a pratica dos melhores hydrographos mostrão evidentemente preferivel a outro qualquer.

5ª A boa execução pratica, que alem de se encontrar amplamente detalhada por Fleurieu na sua viagem de 1768, 1769, e na *Encyclopedia methodica*, artigo Cartas; seguida, aprovada e aconselhada pelo celebre D. Vicente Tofino; está certamente entregue a mãos de toda a esperança.

6ª Não esqueceo tambem a imposição de hum sello, que designando o nosso compromettimento, o estabeleça como fundamento digno da fé publica: finalmente lembrei o preço modico de cada carta por ser o melhor meio de evitar contrafacções, e animar o consummo.

Postas as bases precedentes, e dito o mais que me parecia, sobre a notação de todos os fenomenos, que ao navegante interessa conhecer; sobre a correcção, e copia das cartas existentes, e dos roteiros; com o methodo, e ordem da continuação de tudo para o futuro; mencionei com especialidade a indicação das principaes alturas, e das distancias em que se avistão; alem de que apontei huma divisão dos mares mais frequentados pelo commercio em onze cartas, que contenhão 63º de longitude ao comprimento, e 42º á largura; por meio das quaes teremos a navegação.

De Portugal ao N. da Europa em 1 carta. — Ás ilhas do Oceano Atlantico em 1 carta.

— Ás costas Boreaes da America meridional em 1 carta.

Para o trato d’Africa 1 carta.

De Gôa a Moçambique, Sofala, etc. 1 carta.

De Lisboa á America Septentrional 2 cartas, e assim por diante até de Lisboa a Macáo em direitura 4 cartas; e com escala na India 5 cartas.

Apresentei depois, e agora offereço novamente, para a formatura da primeira carta quantas observações pude haver sobre as ilhas do Oceano Atlantico, que estão da Madeira inclusive para o Sul, e sobre as costas de Portugal, e Hespanha desde Bayona até Gibraltar; tiradas ou das Requisites Tables, ou do Connoissance des Temps, ou dos observadores, e navegadores mais celebres, como Carteret, Wallis, Cook, Verdun, Fleurieu, Tofino, Pingrê, os Senhores Custodio Gomes de Villasboas, e Francisco Antonio Ciera, e outros:

Resta-me pois tão somente desejar, que possa continuar a ser membro util de huma sociedade tão interessante como respeitável; taes são os meus sinceros votos, e tanto o que me cumpre; trabalharei para satisfazer quanto for em mim; porém se não poder conseguir a honra de merecer a consideração de huma Sociedade tão distincta, sempre me fará digno da sua atenção o meu respeito para com as suas grandes luzes, e a minha séria applicação para aproveitar-me dellas, a fim de poder ao menos servir dignamente como seu pregoeiro, ou como seu reverbero."

Um precioso manuscrito do Arquivo do nosso Serviço dá idéia do apoio governamental e da actividade dos membros, sendo Dantas certamente o que mais se destacava dentre os últimos, na formação do acervo da Sociedade. Trata-se da *Relação dos Livros e Impressos existentes no Depósito da Sociedade Real Marítima Militar e Geográfica*, contendo o material remetido até 27 de junho de 1799, distribuído em duzentos e quarenta e nove títulos! (Fig. 3).

Ao mesmo tempo, a cada sessão eram apresentadas memórias, estudos e relatórios de suma importância, uma boa parte relativos à navegação e cartografia do Brasil.

Exatamente graças ao zelo de José Maria Dantas Pereira salvaram-se muitas delas, estando algumas depositadas em nossos arquivos.

Eis os fatos:

Já vimos que a Companhia de Guardas-Marinhas, sob o comando de Dantas, embarcou para o Brasil na *Conde D. Henrique*. Teve ele o cuidado de transportar para bordo o material didático e o instrumental da Academia e todo o acervo do seu Depósito de Escritos, ou seja, a Biblioteca. Igualmente embarcado foi o que pertencia à Sociedade Real Marítima. Ainda não conseguimos apurar com absoluta segurança se já nessa ocasião constituíam fundo comum os impressos e manuscritos dos dois órgãos, conforme mostraremos que acontecia alguns anos depois. O certo é que passou tudo ao Brasil.

Logo após a chegada de D. João ao Brasil, foi criado (7 de abril de 1808) o Arquivo Militar, anexo à repartição da Guerra, mas dependente igualmente da Armada e Fazenda.

A ele recolheu Dantas "mais de mil cartas e planos, em mil e duzentas folhas, fora de 58 várias perspectivas". O sumário que dá deste material⁴ mostra a enorme tarefa que, a respeito do Brasil, estava sendo levada a cabo pela Sociedade.

Era o Arquivo, conforme todos sabem, comum às forças de terra e mar. Ao passar exclusivamente ao Exército, lá ficaram centenas de monumentos cartográficos náuticos, que indubitavelmente deveriam ter sido transferidos para a Marinha. Boa parcela deles achase hoje dividida entre a Diretoria do Patrimônio e o Serviço Geográfico do Exército. Graças à gentileza do Exmº Sr. General Diretor deste último, estamos com pessoal nosso buscando o que daquele precioso conjunto trazido por Dantas Pereira hoje subsiste. Raridades já foram localizadas e convenientemente fotografadas, resguardando-as da ação do tempo.

O que não foi entregue ao Arquivo Militar, passou a constituir acervo

⁴) BOITEUX, Henrique. O chefe-de-esquadra José Maria Dantas Pereira. *Subsídios para a história marítima do Brasil*, Rio de Janeiro, 2:317-8, 1939.

*Relação dos Livros e Impressos existentes no Depósito
da Sociedade Real, Histórica, Militar e Geográfica, feita por
Ordem de Sua Magestade em Lisboa de 1777. Ex. Senhor D.
João de Sousa Coutinho de 29 de Março 27 de Junho de 1777*



*A. B. Os remetidos com o Aviso de 27 de Março terão o sig-
nal H.*

Os remetidos com o Aviso de 27 de Junho terão o signal J.

Os remetidos avulsamente terão o signal A.

*Os remetidos da Biblioteca da Academia dos Guardas-Marinhas
terão o signal B.*

*Terão mandados entregar ao Conselho do Almirantado, os que terão
o signal C.*

*Os que pertencerem a alguma das Cartas, ou são relativos a alguma
ou desapparecerem na distribuição, vão classificados da mesma sorte*

Fig. 3

da Biblioteca da "Academia dos Guardas-Marinhas".

Do que temos notícia, seja pela existência do original, seja pelo conhecimento do teor, vamos dar aos leitores uma ligeira idéa, para que possam todos aquilatar a importância dos trabalhos da Sociedade:

O extremo Norte do País mereceu especial atenção da Sociedade. José Patrício de Sousa, o melhor piloto da região, apresentou uma:

Nova e correcta carta da costa septentrional do Brazil desde Jericoa-

coara athe ao Pará e uma deguerçam athe o C. do Norte. (Fig. 4).

Trata-se da melhor carta náutica da região até aquella data elaborada, ficando insuperada até os trabalhos de Tardy de Montravel, cerca de quarenta e três anos depois. Estava até há pouco na posse da Diretoria de Hidrografia e Navegação, donde passou ao Museu Naval. No entanto, não foi possível localizar a memória que acompanhou esta carta.

Há ainda notícia de um Plano da barra do Pará, elaborado e apresenta-

do à Sociedade por José Patrício. Embora o original tenha desaparecido, sabe-se de cópias tiradas em 1829 e 1870, que já localizamos no Serviço Geográfico do Exército.

Outro excelente nauta, Filipe Alberto Patrone, oficial de marinha, apresentou a *Memória em que se expõem todas as derrotas que tem seguido ao Maranhão e Pará, e juntamente se dá uma derrota ao Pará independente da do Maranhão*, lida em 3 de outubro de 1799. Muito deve ter inovado o estudo de Patrone com a derrota direta ao Pará, uma vez que mesmo as mais imediatamente anteriores à dele, como a de Manoel da Silva Tomaz (c. 1793) ainda obrigavam o navio a baixar até os 2º 40' para só então, costear o Ceará e o Maranhão em busca do Rio Pará.

A memória de Patrone, hoje perdida, já pertenceu à Biblioteca da Marinha, pois sabemos ter feito parte do Depósito de Escritos Marítimos, isto é, a Biblioteca dos Guardas-Marinhas.

De uma outra, apresentada por José Joaquim Vitório da Costa sobre o *Reconhecimento e exame da foz do Amazonas*, feito em 1799 e 1800, também desaparecida, guarda-se o relatório original, entre as preciosidades da Biblioteca Nacional, microfilmado para o nosso Arquivo.

Ignorado acha-se também o paradeiro da memória sobre a *Longitude do lugar das Salinas e ponta de Taipu*, apresentada em 1802.

Mas, aos poucos, estas preciosidades irão reaparecendo, conforme acaba de acontecer com a memória, talvez a mais importante de todas as que sobre a cartografia brasileira foram apresentadas à Sociedade. Trata-se da *Memória sobre a Situação Geográfica das Costas da America Meridional em que se faz huma analyse critica de muitas Cartas Estrangeiras, publicadas desde 1753 athe hoje*.

Lida na Sociedade Real Maritima, Militar e Geográfica, por seu Socio Manoel Travassos da Costa Araujo.

Esteve desaparecida até recentemente, quando foi posta em leilão, pe-

la Casa Sotheby, de Londres. Alertado por D. Isa Adonias, da Mapoteca do Itamarati, pôde o SDGM adquiri-la, graças à generosidade do Conselho Federal de Cultura e a alta compreensão do seu Presidente.

A mesma sorte ainda não tivemos na localização de um trabalho apresentado em 1801 sobre as *Posições dos pontos principais das costas do Brasil desde a Baía até o Rio de Janeiro*, manuscrito que temos quase a certeza de havermos visto referenciado algures, mas não nos conseguimos recordar onde.

Dois agradáveis surpresas vamos encontrar entre os sócios que apresentaram à Sociedade:

Francisco Vilela Barbosa, depois Marquês de Paranaguá, oficial de marinha com várias viagens entre o Brasil e Portugal foi, mais tarde, transferido para o Corpo de Engenheiros e nomeado Lente da Academia de Marinha. Vilela Barbosa apresentou, em 1802, a *Informação sobre as cartas do Brasil e catálogo de José Fernandes Portugal*, este último um conhecido e conceituado cartógrafo, premiado pela Sociedade por seus trabalhos sobre a costa brasileira e autor de muitas cartas e planos.

Também a *Informação* está desaparecida, sem que haja qualquer notícia do seu paradeiro.

A outra surpresa é sabermos que José Bonifácio, o Patriarca, membro da Sociedade, a partir de 4 de fevereiro de 1801, apresentou à mesma o *Método para medir com exatidão e facilidade a área de um país por meio da balança de ensaio, dada a sua carta fotográfica*.

De uma *Planta da costa da capitania da Paraíba e memória respectiva*, de 1803, que existiu no Depósito de Escritos, nada conseguimos apurar; talvez se relacione com a *Planta da barra, rio e porto da Paraíba do Norte*, de autoria de José Fernandes Portugal, original também desaparecido, mas conhecido por uma litografia feita no Arquivo Militar em 1835 (Fig. 5).

No Arquivo do nosso Serviço, figura esta preciosidade:

Observações Feitas, em o Regresso da minha Expedição a Ilha de Fernando de Noronha, Em Companhia do Governador da Capitania Mór do Rio Grande do Norte Lopo Joaquim de Almeida; das quaes se deduz, uma Ligeira Idéa da Barra daquele Rio:

Por Joaquim Bento da Fonseca Piloto Aprovado pela Academia Real da Marinha e Segundo Official Piloto da Armada Real (Fig. 6).

No entanto, nada sabemos de concreto sobre o paradeiro da memória e do plano sobre o Recife (Pernambuco) que o mesmo Fonseca preparava para apresentar à Sociedade em 1804, conforme diz no teor das observações supra, exceto ter sido ela efetivamente entregue, pois fez parte, posteriormente, do Depósito de Escritos.

Também algumas cartas de José Fernandes Portugal, às quais aliás Bento da Fonseca se refere nas mesmas *Observações* (Fig. 7), e que mereceram um prêmio da Sociedade em sessão de 14 de janeiro de 1803, tem destino desconhecido. Felizmente, outras são conhecidas por cópias ou estão preservadas no Arquivo Militar e já foram localizadas com as pesquisas ora em andamento.

Tudo isto constituiu uma pequena parcela das centenas de trabalhos apresentados à Sociedade e trazidos para o Brasil com o mais de milhar de cartas, planos e perspectivas entregues ao Arquivo Militar por Dantas Pereira.

Tudo o que hoje subsiste, quer no Serviço Geográfico do Exército, quer na Diretoria do Patrimônio ou no nosso Arquivo, constitui, embora as perdas sofridas, acervo cultural que faz Dantas Pereira merecedor da maior gratidão de nossos hidrógrafos. Mas, se isto não bastasse, poderíamos mencionar que Dantas foi o mais atuante membro da Sociedade Real Marítima, tendo apresentado à mesma pelo menos dezesseis (16) memórias; delas acha-se preservada em nosso Arquivo a *Memória sobre os Signaes Marítimos*

(10 de novembro de 1801) e os *Additamentos* a ela.

Poderíamos também acrescentar duas outras memórias, estas elaboradas já após seu regresso a Portugal, demonstrativas do interesse permanente de Dantas pelo País ao qual tanto dera de si:

a) *Sobre a precisão de reformar o Roteiro de Pimentel*, isto é, o precioso, mas já aquela altura superado roteiro de Manoel Pimentel, cuja 1ª edição datava de 1699 e que ainda em 1809 fora traduzido para o inglês e publicado em Londres.

b) *Memória tendo como objeto principal a Hidrografia do Brasil e o conceito que corresponde aos trabalhos respectivos de Mr. Roussin*, apresentado à Academia das Ciências em maio de 1830.

É portanto, a nosso ver, justíssima a homenagem prestada a Dantas Pereira pelos hidrógrafos da Marinha, tendo a frente o Exmº Sr. Almirante Githay de Alencastro.

Dantas Pereira e a "Academia dos Guardas-Marinhas".

Vimos que Dantas, inicialmente nomeado Lente de Matemática da Academia, assumiu em 1800 o comando da Companhia de Guardas-Marinhas.

Na sua magnífica gestão à frente do estabelecimento, particularmente notável foram o reaparelhamento material do mesmo e a instalação do Depósito de Escritos Marítimos ou Biblioteca para uso dos guardas-marinhas, criada por decreto de 1º de abril de 1802.

A este assunto nos reportaremos ao final deste ensaio.

Tão bem sucedida foi a sua atuação no comando da Companhia que uma provisão régia datada de 31 de julho de 1807 nomeava Dantas Pereira Diretor de Estudos da Academia, cargo então criado e que persiste até os nossos dias, (Fig. 8).

Foi nesta condição que Dantas embarcou com seus comandados na *Nau Conde D. Henrique* e aportou ao Rio

Observações Feitas, em o Regresso
da minha Expedição à Ilha de Fernando
de Noronha, Em Companhia do Governador
da Capitania do Rio Grande do Norte
Lopo Joaquim de Almeida; das quaes se deduz;
hũa Ligura Têta do Barro da Quezê Rio: A

Id.
Joaquim Binto da Fonseca
Piloto Approvado pelas Academias
Real das Marinhãs e Segundo Off.
Piloto das Armas Real

Fig. 6

de Janeiro, desembarcando a 24 de março de 1808 para um alojamento provisório, o Quartel da rua dos Ourives.

Urgia encontrar local adequado para o funcionamento da Academia.

O relatório apresentado pelo Chefe-de-Divisão Dantas Pereira mostra, como sempre, o cuidado extremado que teve na escolha.

Oito dias após a entrega do Relatório, baixava o Visconde de Anadia, Ministro da Marinha como sabemos, um aviso (5 de maio de 1808), dizendo que o Príncipe-Regente houvera por bem "Determinar as hospedarias dos religiosos Beneditinos para nelas se

restabelecer a Real Academia dos Guardas-Marinhãs".

Tinham elas a vantagem, conforme frisara Dantas, de se acharem próximas ao Arsenal.

Entrando a Academia em funcionamento normal, apenas dois anos depois, em 1810, preocupava-se Dantas Pereira com a continuação do aperfeiçoamento profissional da oficialidade, para que a estagnação não tolhesse os esforços feitos. Em razão disto, reuniu na sala da Biblioteca, em 16 de julho, a nata da oficialidade e propôs-lhe a instituição de uma "Sociedade Naval, a bem do serviço e progresso da nossa marinha". O texto da oração que então

*A 21 do ditto mez de Agosto
 Cheguei à Pernambuco e depois de ter dado conta da
 minha commissa, impugnei-me em hum trabalho
 util e de Necessidade, não só para a minha Appli-
 cação como também para satisfazer por algum
 Modo ao Escrivão da Balança da Alfandiga da
 quella Cidade, Joze Hernandez Portugal (conhecido
 na Real Sociedade p.^{ta} suas Cartas Reduzidas da
 Costa do Brazil) sobre o seu Plano, que me =*

Fig. 7

pronunciou é obra-prima de entusiasmo, amor à Marinha e fé no Brasil, sem deixar de reconhecer a necessidade imediata de reformular o nível profissional daquela officialidade, especialmente nos seus graus mais elevados.

Uma semana depois, para o mesmo grupo, expunha Dantas as bases da primeira grande tarefa que seria atribuída à Sociedade: elaboração de uma biblioteca profissional, que cobrisse toda a gama de conhecimentos indispensáveis ao oficial de marinha, desde os oficiais subalternos até os oficiais-generais.

Veja na página seguinte o “Quadro Synoptico” da referida biblioteca:

Infelizmente, o grandioso plano, que visava à redação inicial de nada menos de vinte e sete volumes, deixou de ter a receptividade que merecia. A Sociedade Naval morreu no nascedouro e só a Liga Naval, de saudosa memória fez eco, durante alguns anos, aos anseios de Dantas Pereira.

Oxalá o Instituto Técnico Naval, sonhado pela atual Direção do Serviço

de Documentação, e uma de suas metas, possa concretizar, 163 anos depois, os projetos de Dantas.

Em 1817, promovido a Chefe-de-Esquadra, deixava José Maria Dantas Pereira a Direção da Academia dos Guardas-Marinhas, à qual dera o melhor de sua existência.

Dantas Pereira e o “Depósito de Escritos”.

Sabemos já que em 1º de abril de 1802 foi fundada a *Biblioteca para uso dos Guardas-Marinhas* que, debaixo da Inspeção do Comandante da Companhia, deveria recolher todos os escritos marítimos que existissem de autores portugueses, quer impressos quer manuscritos. O Inspetor estava autorizado a solicitar, dentro e fora do reino, as obras que julgasse necessárias à biblioteca.

Transferida para o Rio de Janeiro em 1808, já em 1810 tinha as portas abertas ao público. Conseqüentemente, foi a primeira biblioteca pública do País.

QUADRO SYNOPTICO DA BIBLIOTHECA DO OFFICIAL DE MAR E GUERRA

Grãos de Instrução ou Elementos da Bibliotheca			Total de cada parte da Bibliotheca, e dos seus 27 volumes.
1.º em 11 vol.	2.º em 9 vol.	3.º em 7 vol.	1. Arith. univers. 1 v.
			2. Geom. element. 1 v.
			3. Alg. superior 1 v.
Arithmetica e Algeb. Infer.	Algebra superior.	Elementos Physico-Chymicos e Nat hist. Botanicos.	4. Ap. d'Alg. á Geo. 1 v.
Geometria elementar	Appliação da Alg. á Geomet.		5. Secções conicas 1 v.
Trigonometrias	Secçoens conicas	Meios de produzir, empregar, conserv. reprod. e substituir os grandes artefactos navaes.	6. Trig. e Taboas 1 v.
Hydrographia e Pilotage.	Calcul. e applic. á Geom. e Naveg.		7. Hydr. e nav. ordin. 1 v.
Mechanica inferior	Mech. sup. Opt. Perspect. Astr.		8. Calc. e suas applic. 1 v.
Construcção naval practica	Architect. nav. e Desenho	Navegaç. aerostatic. e submarina.	9. Mech. e dito 5 v.
Apparelho	Hydraulica applicada		10. Nav. aer. e sub. 5 v.
Principios de manobra	Manobra super. e Tactica	Commercio e Pesca	11. Arch. nav. e desen. 2 v.
Noções d'Fortif. Artilh. e Artif.	Fortif. e Artilh. superior.		12. Hydraul. Applicad. 1 v.
Principios de Hist. nav. milit.	Grandes operaç. e adminstraç.	Roteir. Cart. Hist. nav.	13. Aparelh. e manobr. 1 v.
Escritur. govern. econ. sign. etc.	Hygien. marit. Lazar. quarent.		14. Man. sup. e Tact. 1 v.
			15. Fortif. e Artilh. etc. 2 v.
			16. Hist. nav. e applic. 3 v.
			17. Escrit. Leg. etc. 2 v.
			18. Hygi., quarent. 2 v.
			19. Elem. Phys. Chy. & 2 v.
			20. Commerc. e Pesca 1 v.
			21. Codig. naval etc. 1 v.

Provisão Dom João por Graça de Deus Príncipe Regente de Portugal e dos Algarves d'aquem, e d'além Mar, e de Africa, de Guiné, &c. &c. Toço saber que sendo Determinado por Mentia Real Resolução de Consul-
ta de quinze do dito, dezo Real Resolução de vinte e quatro do presente
mês, em resolução de Consulta de quinze do dito que o Commandante
da Companhia dos Guardas-Marinhas seja Director dos Estudos da
Academia da referida Companhia. Nees por bém nomear o Ca-
pitam de Mar e Guerra Jozé Maria D'Antas Pereira, actual
Commandante da mesma Companhia Director dos Estudos
da mesma Academia. Pello que Mando que todas as pes-
soas empregadas na Companhia, e nos Estudos da mesma
se reconheçam por tal Director. O Príncipe Regente e Nosso
Senhor o Mando pellos Concellheiros do Almirantado aba-
xe assignados ambos do seu Concelho. João Paulo Fernandes
Varella fez em Lisboa aos vinte e duas de julho de mil e
cento e setenta e sete = e Antonia Pery Alaraz de Moura fez es-
crever = Pedro de Mendoca de Moura = e Francisco de Souza
Coutinho =

Fig. 8

O zelo e os magníficos esforços de Dantas Pereira na formação de um monumental acervo, por si só consagram o seu nome. E hoje conhecemos toda a extensão daqueles esforços, pois na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro localizamos o Catálogo da Biblioteca dos Guardas-Marinhas, criada por ordem de S. A. R. na Cidade do Rio de Janeiro.

Apenas percorrendo as páginas desta obra-prima que Dantas Pereira redigiu em 1812, teremos uma idéia bastante satisfatória dos elementos postos ao alcance dos Guardas-Marinhas para a sua formação. É um conjunto de espantar, principalmente levando-se em conta os poucos anos em que foi constituído.

Obviamente, é intenção do Serviço, de posse deste catálogo, tentar localizar tudo aquilo que a Biblioteca possuía em 1812.

Para este estudo, de modo a poderem os leitores ter uma idéia do acer-

vo da biblioteca e do que dela subsiste, escolhemos dois títulos:

“Geographia e Hydrographia”
e “Pilotagem”.

Sob o primeiro, reuniu Dantas um total de quarenta e seis obras (sendo trinta atlas hidrográficos).

Daquelas quarenta e seis, trinta obras foram encontradas no acervo actual. Destas, nada menos de dezenove são atlas, que constituem uma parcela ponderável da mapoteca que estamos organizando e que têm valor incalculável. Felizmente só constatamos o desaparecimento de onze atlas.

Vejamos agora o título “Pilota-
gem”.

Nele encontramos quarenta e sete obras. Aqui, o balanço nos mostra que aproximadamente 50% do acervo desapareceu. Felizmente, está salva a obra mais preciosa, a edição francesa (1554)

da *Arte de Navegar* de Pedro de Medina, o grande cosmógrafo espanhol. Preciosidades foram, entretanto, perdidas, como o *Regimiento de Navegacion* de André Garcia de Cespedes, para só citar a mais antiga delas.

Convém ainda atentarmos para o título "*Resto de manuscritos modernos*", por onde se vê que na Biblioteca se achavam em 1812, nada menos de quarenta e duas memórias apresentadas à Sociedade Real Marítima pelos seus sócios.

Destas, menos da metade foram localizadas. Dez delas, (juntamente com outras três manuscritas) por dizerem respeito exclusivamente a assuntos portugueses, foram doadas à Biblioteca da Marinha de Portugal pelo Exm^o Sr. Ministro, durante a recente visita ao Brasil do Presidente Américo Thomaz, para serem convenientemente estudadas por especialistas portugueses.

Retirou-se Dantas Pereira em 1819 para Portugal, para integrar o Conselho do Almirantado.

Entre 1820 e 1823, foi Conselheiro de Estado. Neste último ano, foi eleito Secretário da Academia das Ciências de Lisboa, da qual já era sócio desde 1793.

Em 1827, foi nomeado membro da Sociedade Filosófica de Filadélfia.

Miguelista, viu-se forçado a emigrar para a França em 1834, em face

do sucesso da campanha do nosso ex-Imperador Pedro I para restituir o trono à sua filha D. Maria.

Dois anos de infortúnios viveu longe da pátria aquele filho extremoso, até falecer em Montpellier a 22 de outubro de 1836.

Quase paralelamente ao nosso achamento, na Biblioteca Nacional, do catálogo que vimos de estudar, era o borrão original do mesmo encontrado na Academia das Ciências de Lisboa pelo nosso ilustre e particular amigo Comte. A. Teixeira da Mota; no cartório daquela academia foi depositado pelo próprio Dantas Pereira que, magoado com os ataques movidos a Portugal pela imprensa brasileira após a separação, fê-lo expressamente para:

"prevenir quanto cabe no meu alcance, que nas idades futuras se apague a memória não só daquelle tal qual monumentos científico (a "Biblioteca dos Guardas-Marinhas"), mas também de haver sido erigido na Capital do Brasil por aquelles mesmos a quem as próprias imprensas brasileiras correspondem com exprobações incríveis.⁵

Mal saberia Dantas Pereira que, exatamente graças ao seu zelo no preparo do catálogo é que temos hoje memória daquelle monumento científico.

⁵) *Memórias da Academia Real das Sciencias*. Lisboa, 1832. v. 12, pt. 1, p. 237.

